Há seis décadas, Parintins se divide em azul e vermelho em um divertido e rico duelo de bois-bumbás, ressaltando a tradição dos povos originários amazonenses. O festival deste ano se encerra hoje

Elcio Farias

Disputa cultural

POR NATHÁLIA QUEIROZ

Azul ou vermelho? Em Parintins, as cores não são só preferência estética, são questões de identidade. Neste fim de semana, a ilha no coração da Amazônia voltou a parar para assistir ao duelo que há mais de cinco décadas transforma arte em competição. São três noites de apresentações, 21 itens em disputa e uma torcida de 30 mil espectadores que cantou do início ao fim da festa, prevista para hoje. E neste 58º Festival Folclórico de Parintins, a pergunta que não cala, é: qual boi vai ganhar mais um título neste ano, Caprichoso ou Garantido?

Para a edição de 2025, os ingressos — com valores que variaram entre R$ 550 e R$ 4.800, em opções avulsas ou passaportes para as três noites — esgotaram num piscar de olhos. As vendas abriram em dezembro do ano passado e, em apenas 15 minutos, todos os setores estavam preenchidos. Os camarotes, disponibilizados on-line, acabaram ainda mais rápido: em apenas 60 segundos.

O coração de Parintins vive pela lendária rivalidade entre o Boi-Bumbá Caprichoso, o azul, e o Boi-Bumbá Garantido, o vermelho. E essa não é uma mera disputa, mas um motor cultural. A cidade é dividida simbolicamente em vermelho e azul, com a Catedral Nossa Senhora do Carmo servindo como linha imaginária para demarcar os territórios das torcidas.

A tradição dita que os torcedores não usam as cores do boi adversário, especialmente em seus currais. E a rivalidade é tão forte que até mesmo o "amo do boi", um dos itens julgados na competição, compõe versos provocativos para o oponente durante o festival.

Suzan Monteverde, membro da comissão de artes do Garantido, explica que nem mesmo fala o nome do "boi contrário". "Fora de Parintins, eu peço licença às pessoas com quem estou falando para chamar o boi contrário de Caprichoso, porque entendo que, quando falamos da nossa cultura para o mundo, um não faz festival sem o outro. Mas dentro da ilha, ele é simplesmente 'o boi contrário'", ressalta.

E a tradição definitivamente vai além do nome. De acordo com Suzan, as cores também são inegociáveis. "Você não entra no curral do contrário de vermelho, e nem eles entram no nosso de azul. Esse respeito